

Analizando a produção textual- A Estrutura Argumental

Maria Teresa Tedesco Vilar do Abreu

Professora Assistente da UERJ
Mestre em Lingüística pela UFRJ
Doutoranda em Lingüística pela UFRJ

Resumo

Este texto tem como objetivo demonstrar como a estrutura argumental dos verbos em língua portuguesa são utilizadas por adultos surdos que aprenderam esta como segunda língua.

Abstract

This paper aims to show the use of verbs and its argumental structure in Portuguese language by deaphs. The learning of portuguese as a second language seems to guarantee the use of this adequate form, according to Portuguese system.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O objetivo do presente trabalho é, a partir da análise de textos produzidos por adultos surdos, que aprenderam a língua portuguesa como segun-

da língua, verificar como se estabelece a relação verbo e argumento, ou seja, se estes, ao escreverem textos em língua portuguesa, mantêm a estrutura argumental exigida no uso da categoria verbal.

Para tanto, serão analisadas cartas de pessoas surdas – adultas – que, segundo informações, tiveram a língua dos sinais como primeira língua, dominando, na verdade, a língua portuguesa como segunda língua. Deve-se levar em consideração, antes de se aferir qualquer qualificação para a escrita em Língua Portuguesa de pessoas surdas, o processo cognitivo manifestado das estruturas gramaticais, semântica e pragmática do texto produzido por eles.

Portanto, alguns pressupostos teóricos norteiam este trabalho:

1. Consideramos a língua materna dos

surdos a língua dos sinais. Caso o surdo só tenha aprendido a se comunicar oralmente, ele, certamente, não dominará a língua portuguesa de forma plena e competente.

2. O surdo, ao aprender uma língua oral, estará aprendendo uma segunda língua, ou seja, passará pelo mesmo processo de um aprendizado que ocorre com qualquer estrangeiro ao aprender uma segunda língua.
3. Os surdos filhos de surdos, geralmente, são melhores escritores do que surdos filhos de ouvintes, pois têm plena competência em uma língua de sinais, tendo sido expostos desde cedo a esta língua, adquirindo, portanto, estratégias cognitivas e lingüísticas, bem como a interação social, duas funções centrais da linguagem.

É preciso enfatizar que esta concepção social da linguagem, do ponto de vista cognitivo, pressupõe, também, a importância do conhecimento de mundo...

4. A língua é uma atividade humana criativa. Dada a sua dinamicidade, o sistema lingüístico mantém-se em equilíbrio sempre instável, o que leva a supor que toda previsão é limitada.

2. A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA POR SURDOS

A filosofia oralista tem como objetivo educacional o ensino das diferentes línguas, na sua modalidade oral. A filosofia subjacente é de se colocar o surdo em ambiente ouvinte, separando-o do convívio com outros surdos, evitando o uso da língua de sinais, a fim de que este integre-se melhor à sociedade. No entanto, o ensino desta modalidade de língua é bastante penoso, perdendo-se muito tempo em ensiná-la, provocando grande lacuna na formação do cidadão surdo, visto que outras áreas do saber, tais como geografia, história etc, acabam por ficar relegadas a outro momento (Cf. Santos, 1994). Outro aspecto bastante negativo diz respeito ao fato de essas disciplinas serem ensinadas através da fala, o que demanda um esforço bastante

grande, por parte do surdo, além de se poder questionar a interação tanto por parte do surdo quanto do professor ouvinte na situação de sala de aula.

Evidentemente, esta fala não é obtida com pleno sucesso, pela maioria dos surdos, refletindo, de certa forma fracasso total das estratégias e objetivos oralistas, no que tange à integração social dos surdos, já citado anteriormente como uma das funções centrais da linguagem.

A ausência de desenvolvimento pleno da linguagem, sem dúvida, impede a criança surda de se socializar naturalmente, de maneira satisfatória, desde a mais tenra idade. É preciso enfatizar que esta concepção social da linguagem, do ponto de vista cognitivo, pressupõe, também, a importância do conhecimento de mundo tão fundamental para o desenvolvimento de uma língua, para o aprendizado da leitura e da escrita.

Assim, o oralismo fica a meio caminho, não permitindo a integração social do surdo, não só na comunidade surda, mas também na comunidade ouvinte.

Especialistas que lidam com a linguagem começaram a evidenciar que

as línguas de sinais são verdadeiras línguas naturais e, portanto, a língua nativa dos surdos. Partindo-se do princípio que a língua não é, apenas, meio de comunicação, mas suporte do pensamento e do desenvolvimento cognitivo e, portanto, requer um sistema lingüístico natural e sólido, preconiza-se que, para o

desenvolvimento global do surdo, o enfoque bilíngüe é o mais adequado. Na verdade, tenta-se resgatar a situação bilíngüe dos surdos e uma educação que favoreça o ensino/aprendizagem da língua oral em algumas situações e a língua dos sinais em outras – o bilingüismo diglósico.

Santos (1994) afirma que a diferença entre o Bilingüismo e as outras concepções é que naquele, a língua dos sinais é objetivo e meio. Devem ocupar um espaço central, por serem meio de ensino-aprendizagem de todas as disciplinas, inclusive a língua oral, objeto de estudo formal e não, apenas, de um aprendizado natural. Desta forma, o surdo deve aprender a se expressar de várias maneiras e em estilos diferentes, considerando os vários registros de uma língua. Assim, as línguas de sinais são fundamentais no desenvolvimento e na educação dos surdos, contemplando todas as necessidades comunicativas, devendo ser utilizadas para a aquisição do conhecimento.

Ressaltamos, porém, que vivemos em uma sociedade que privilegia a todo o momento a escrita, sem existir um equivalente para a língua de sinais. No enfoque do bilingüismo, a escrita é relevante para os surdos, que podem

aprendê-la de forma tão eficiente quanto os ouvintes.

Segundo Ferreira Brito (1993, p.67), deve ser “dada à leitura e à escrita ênfase especial, posto que o “input” gráfico é também visual e que só se atinge verdadeiramente o intelecto da pessoa surda através da visão.”

Na verdade, quanto à aquisição da escrita por surdos, podem-se fazer alguns questionamentos do tipo: como ensinar uma escrita para o surdo? A relação língua falada/escrita é importante na aquisição da escrita? Há viabilidade em aprender-se a escrita independente do fato de se dominar a fala da língua alvo?

...como ensinar uma escrita para o surdo? A relação língua falada/escrita é importante na aquisição da escrita?

Para efeitos deste trabalho e, acredita-se, para análise da escrita de surdos, será considerada a aquisição da escrita em Língua Portuguesa como um aprendizado de uma segunda língua, sujeita, portanto, aos erros e dificuldades como qualquer pessoa que esteja aprendendo uma dada língua estrangeira.

3. ANALISANDO

Cabe ressaltar que o material analisado foi coletado aleatoriamente, não tendo sido realizado qualquer levanta-

mento de informações, a fim de delinear o perfil dos informantes. O texto 1 demonstra domínio perfeito das estruturas argumentais, ou seja, dos elementos exigidos pelos verbos.

1. Aqui está tudo ok!
2. Estou esperando o seu telefonema e sem notícias suas.
3. queria saber como está aquela situação das assinaturas?
4. Também aproveito para avisar que no sábado que vem (dia 6)
5. terá uma festa muito grande no Colégio Santa Terezinha
6. e muitos surdos da grande São Paulo estarão presentes.
7. E isto será uma boa chance de conseguir as assinaturas

8. Então eu não sei
9. se você pode vir para São Paulo com estas assinaturas
10. Outra coisa, a nossa comissão vai indo bem,
11. já conseguimos um novo local para “COPADIS”
12. O seu endereço é...
13. Achamos um bom ambiente.
14. E o X ficou contente
15. por causa do teatro que lá tem para ensaios e palestras (no sub-solo)

16. recebi o modelo do Estatuto,
17. achei difícil
18. para nós fazer
19. é preciso ter um advogado
20. para me ajudar,
21. então com o tempo, vamos conseguir com calma
22. e ter dinheiro!
23. Já mandei algumas cópias do projeto para todos os clubes e escolas e comissões
24. Espero que
25. me dê notícias o mais rápido possível.
26. Se não puder vir,
27. me ligue tá (Depois das 20:00h)
28. Por enquanto é só, beijos.

Como pode ser observado, o texto 1 analisado não apresenta problemas na estrutura argumental dos verbos. Para efeitos deste trabalho, analiso as orações 4, 5, 6, considerando a riqueza de estruturas apresentadas.

“Também aproveito para avisar que no sábado que vem (dia 6) terá uma festa muito grande no colégio Santa Terezinha emuitos surdos da grande São Paulo estarão presentes.”

O primeiro verbo aparece em uma locução – **aproveito avisar**. Percebe-se a ausência da preposição, parte obrigatória da estrutura argumental do verbo. Porém, observa-se o uso da estrutura do verbo avisar com uma conjunção integrante, relacionando verbo e argumento. A estrutura das orações **terá uma festa... e muitos surdos da... estarão**

presentes também denota conhecimento lingüístico desta estrutura da valência. É interessante observar, também, que a escolha semântica é decorrente de uma relação sintática. Então, ambos os planos, sintático e semântico, são procedentes neste sistema lingüístico.

Na oração 2, **“Estou esperando o seu telefonema e sem notícias suas”**, o problema parece estar concentrado na adição de duas orações e ausência do verbo. No entanto, poder-se-ia dizer “Estou esperando o seu telefonema por estar sem notícias suas/sem ter notícias suas”. Outra vez encontramos o uso inadequado da preposição. Quanto à ausência do verbo, ainda que não seja inadequada esta estrutura, faço a relação entre o verbo estar no início da oração – **Estou esperando** – e verbo estar/ter, ausente na segunda oração, quando se refere à repetição deste.

Em 13, **achamos um bom ambiente**, é interessante observar a elipse do argumento experienciador marcado na desinência do verbo achamos. Esta estratégia é recorrente em outros verbos, inclusive com outra marca de pessoa.

Devido à extensão das cartas, foram analisadas seis delas, contabilizando 220 orações, considerando-se aquelas frases que incluem os verbos. Destas orações, encontramos 202 cuja estrutura argumental corresponde às regras da Língua Portuguesa, totalizando 91,81%.

Assim, temos:

Redações analisadas	Nº de orações	Relação Verbo/Argumento	
		Sem problemas	Com problemas
06	220	202 = 91,81%	18 = 8,18%

Os dados levam-nos a refletir que os portadores de deficiência auditiva que têm contato desde criança com a língua dos sinais e que dominam a língua portuguesa como segunda língua tendem a uso mais adequado da estrutura argumental, isto é, da relação verbo complemento. As dificuldades maiores parecem estar centradas no uso de palavras de ligação, a saber verbos, conjunções, alguns tipos de pronomes. Este ponto poderá ser investigado, para que possamos delinear um quadro mais acurado da língua portuguesa como segunda língua, tentando apontar o que ocorre do ponto de vista lingüístico, especificamente no uso da Língua Portuguesa modalidade escrita, utilizada por surdos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *corpus* analisado leva-nos a afirmar que os surdos conseguem produzir textos em Língua Portuguesa, utilizando de forma adequada a estrutura argumental dos verbos, estabelecendo, por conseguinte, a relação entre verbos e argumentos.

Entretanto, em termos de estrutura da Língua Portuguesa, um problema que parece ser recorrente, em todos os textos, diz respeito ao uso de palavras de ligação, a saber: preposições e conjunções. Especialmente a preposição, mui-

tas vezes, é omitida ou utilizada de forma inadequada do ponto de vista semântico.

Outro ponto que merece ser considerado diz respeito ao uso dos tempos verbais. Nem sempre os verbos são flexionados de forma adequada àquele contexto, provocando certa perturbação textual mais localizada. Observa-se, também, grande inadequação do uso das formas nominais em Língua Portuguesa, especialmente em permutas entre particípio passado e infinitivo.

As cartas sob análise, produzidas por surdos que aprenderam Língua Portuguesa como segunda língua, apresentam estrutura semelhante aos textos bem articulados, com recursos coesivos dos mais simples até os mais elaborados, como uso de pronomes relativos e orações subordinadas, aproximando-se do que Kato denomina F2 (fala 2).

Este perfil delineado parece ir ao encontro do que a literatura tem nos mostrado em termos de aquisição da língua. Para se adquirir a língua oral, deve-se estar exposto a ela, em idade inicial; para se adquirir a língua escrita, o mesmo deve ocorrer. Em linhas gerais, é o que vem sendo trabalhado na linha construti-vista. (Ferreiro, 1991).

... a partir do exposto pode-se determinar diferenças no uso da Língua Portuguesa para os surdos que tomam contato com esta como segunda língua ...

Evidentemente, um aprofundamento deste estudo precisa ser feito. No entanto, a partir do exposto pode-se determinar diferenças no uso da Língua Portuguesa para os surdos que tomam contato com esta como segunda língua e aqueles que, infelizmente, não puderam ter contato inicial com esta língua ou com outra, no caso a língua dos sinais.

Um fato preocupante está centrado, de acordo com os estudos

lingüísticos, no período mais adequado para aprender uma língua, dadas as funções e amadurecimento da parte do cérebro cuja função é a linguagem. Portanto, as dificuldades encontradas por surdos em adquirir conhecimento da língua portuguesa, por exemplo, podem estar vinculadas a

este amadurecimento das parte do cérebro, o que pode representar um fator dificultador para o aprendizado de outra língua. A alfabetização dos surdos em língua dos sinais deverá garantir o conhecimento lingüístico que poderá dar suporte ao aprendizado de outra(s) língua(s), posteriormente.

Referências Bibliográficas

BORBA, Francisco S. *Uma gramática de valências para o Português*. Ed. Ática, SP. 1996.

BRITO, Lucinda Ferreira. *Integração social & educação de surdos*. Ed. Babel, RJ, 1993.

FERREIRO, E. *Alfabetização em processo*. Ed. Cortez, São Paulo, 1991.

KATO, Mary. *No mundo da Psicolingüística*. Ed. Ática, SP. 1986.

SANTOS, Dayse Vieira dos. *Coesão e coerência em narrativas de surdos*. Dissertação de Mestrado. UFRJ. 1994. Inédita.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo, Martins Fontes Editora, 1984.